

# Educação sob o tapete

17 DEZ 1991

João Faustino

O investimento maciço em ensino foi um dos tópicos do plano de soerguimento do Japão. Depois de recomeçar do zero, a opção educacional permitiu aos japoneses retomarem seus lugares no trem da história. No Brasil, contudo, a história é bem diferente e promete não ter o mesmo final feliz. Aqui, a educação está tão comprometida que comparar nosso desempenho com o de países do Primeiro Mundo se torna um exercício irrealista, a começar pelo tempo de permanência das crianças na escola. A defasagem de carga horária entre os estudantes brasileiros e japoneses chega a ser de dois terços. Sem um parâmetro ideal de ensino, não será possível ao País acompanhar a evolução tecnológica que vem se refletindo em todos os campos do conhecimento humano.

No Brasil, para tentar acomodar a falta de salas de aula com o crescimento da demanda, criaram-se os turnos paliativos de três horas, através do qual o aluno recebe uma educação precária que quando chega aos cursos noturnos alimenta uma distorção maior: muitos professores fingem que ensinam e muitos alunos fingem que aprendem. Somando a outros pro-



blemas igualmente graves, o ensino brasileiro vai gerando só no 1º grau 82 por cento de evasão escolar, enquanto o Japão exibe a cifra minúscula de um por cento.

Ao contrário dos países do Primeiro Mundo, que fazem investimentos maciços na educação, o Brasil vem engrossando o coro dos contrários ao manter o gigante adormecido em berço que já não é esplêndido e fazendo vistões grossas ao número de analfabetos que pode chegar a atingir 30 por cento da população brasileira. A modernidade caminha lado a lado com a educação e, mais do que comprometer o ensino do País, este descaso está

corroendo o futuro dos brasileiros.

O Brasil dedica 4 por cento do Produto Interno Bruto à educação, mas o jeitinho brasileiro acaba desviando a maior parte das verbas. Elas não chegam aos estudantes e às escolas, que estão literalmente caindo aos pedaços, e podem formar uma metáfora concreta do sucateamento da educação nacional. O problema vem sendo varrido para debaixo do tapete sem cerimônia pelas autoridades governamentais.

O sistema se torna ainda mais perverso quando seu ponto de equilíbrio — os professores — são igualmente relegados. Submetidos a um salário de fome — equivalente a dez por cento do que ganha um professor do Primeiro Mundo — os mestres brasileiros gastam mais tempo tentando sobreviver do que ensinar. Correm de emprego para emprego, sem tempo para reciclar o que foi mal-aprendido no 2º grau, também relegado ao sucateamento que atingiu o ensino no todo. O magistério continua sendo, hoje, o carro-chefe da educação, mas não tem força suficiente para puxar os vagões, porque faltam combustível suficiente e direção precisa.

■ João Faustino é deputado federal e presidente do PSDB do Rio Grande do Norte